

# A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO FRENTE ÀS EMERGÊNCIAS E DESASTRES

Andryelle Ferreira Paulino<sup>1</sup>

Filipe Gustavo Franco Sant'Ana<sup>2</sup>

Psicologia



ISSN IMPRESSO 1980-1785

ISSN ELETRÔNICO 2316-3143

## RESUMO

O presente artigo tem como intuito apresentar a atuação do psicólogo nas diferentes fases do desastre, trazendo a trajetória da Psicologia das Emergências e Desastres em seu contexto histórico até os tempos de hoje. O artigo aborda a contribuição da Defesa Civil à prática psicológica na área das emergências e desastre, que despertou o interesse de muitos psicólogos em atribuir o seu trabalho em situações imprevisíveis. Este trabalho objetiva-se refletir sobre a prática da psicologia no campo das emergências e desastres. Para a construção teórica deste artigo foi realizada uma pesquisa bibliográfica, acerca de outras pesquisas realizadas sobre este tema. A atuação do psicólogo nas emergências e desastres apresenta-se um tema bastante pertinente a ser discutido no momento, pois o número de eventos catastróficos vem aumentando cada vez mais, não só no Brasil, mas no mundo inteiro. Todavia, esse estudo possibilitou uma maior reflexão da importância da inserção dos psicólogos nessas situações e de sua contribuição para a sociedade e mesmo com poucos estudos desenvolvidos algumas instituições como o grupo Intervenções Psicológicas em Emergências (IPE) e a Associação Brasileira de Psicologia de Emergências e Desastres (ABRAPED) estão buscando o aperfeiçoamento e a capacitação desses profissionais para que possam estar preparados para a sua atuação.

## PALAVRAS-CHAVE

Psicologia das Emergências e Desastres. Atuação do Psicólogo. Intervenção Psicológica. Desastres.

## 1 INTRODUÇÃO

Atualmente, o mundo vem tendo inúmeros acontecimentos que muitas das vezes foge da capacidade do ser humano de suportar, como os desastres naturais que podem ser de ordem natural ou provocada pelo homem. Esses eventos trazem várias consequências, onde quanto maior for a proporção de um desastre maior será o prejuízo na sociedade.

Esses fenômenos sejam eles enchentes, tornado, furacão, terremoto, deslizamento de terra e outros, geram danos à saúde mental dos envolvidos, danos estes provocados pela perda de familiares, moradia, falta de recursos financeiro e não conseguem lidar com a situação, que vem ocorrendo frequentemente. Diante desses eventos o psicólogo tem o propósito de atender as demandas psicológicas e emocionais tidas nessas situações.

Assim com tantas ocorrências transmitidas pelas mídias televisivas sobre desastres e o impacto gerado na sociedade, que surgiu o interesse em compreender como o psicólogo poderá intervir diante desses incidentes, pois essa nova área da psicologia há um bom tempo vem buscando seu território no mundo e principalmente aqui no Brasil que muito tempo se passou desde a primeira intervenção até se firmar e começarem novas pesquisas sobre a assistência de profissionais da psicologia que fossem capacitados para atuarem em situações emergenciais. As contribuições que esse trabalho pode trazer para o campo de atuação e para o acadêmico é uma reflexão a respeito de novas possibilidades e aperfeiçoamento da prática.

Portanto, a finalidade deste trabalho é trazer reflexões sobre a prática da psicologia no campo das emergências e desastres, apresentando a sua aplicação em seu contexto histórico, apontar a atuação do psicólogo frente às fases de emergências e desastres e refletir sobre a importância da psicologia frente às novas possibilidades de atuação do campo em discussão. Para tanto foi utilizada como fundamento metodológico uma pesquisa bibliográfica, onde buscou responder a seguinte problemática: Como deve ser a atuação do psicólogo em emergências e desastre?

## 2 SURGIMENTO DA PSICOLOGIA DAS EMERGÊNCIAS E DESASTRES

O início dos estudos da Psicologia nas emergências e desastres surgiram no início do século XX. Iniciando os estudos por meio das pesquisas realizadas pelo suíço Edward Stierlin em um de seus trabalhos publicados em 1909, buscando compreender as emoções dos indivíduos comprometidos as situações de desastres onde também evidenciou o atendimento de pessoas que estavam na explosão de uma mina de carvão em 1906 na França. Estima-se que mais de mil mineiros não sobreviveram ao acidente, às intervenções foram feitas com familiares e amigos, onde a grande parte deles eram crianças (COGO et al., 2015).

Com tantos eventos que interferem de forma significativa a vida do ser humano, como chuvas, enchentes, terremotos, novos estudos foram feitos em vista de compreender não só as emoções desses indivíduos, mas também a parte psicológica afetada.

Assim, Benevides (2015, p. 24) vem contribuir com seus estudos sobre a atuação do psicólogo nessas situações, onde:

Em 1974, através do Instituto de Saúde Mental do Departamento de Saúde dos Estados Unidos, foi promulgada a primeira lei que regula a atuação e ajuda em desastres, que prevê a atuação dos psicólogos juntos aos afetados. A lei determina que toda pessoa que passa por um evento de emergências e desastres receba acompanhamento psicológico por tempo indeterminado [...].

Portanto, no ano de 1994, foi realizado o primeiro estudo a respeito da intervenção psicológica construído por Lindemann, em situação de pós-desastre por meio da análise das respostas das vítimas e seus familiares que sobreviveram ao incêndio do Clube Noturno Coconut Grove, em Boston. Tendo em registro 400 óbitos (COELHO, 2006).

Longo tempo se passou para que um novo estudo a respeito da inserção da psicologia nas emergências e desastres fosse realizado, o que faz pensar sobre os motivos deste intervalo de 20 anos para que viesse uma nova intervenção, poderia ser a falta de profissionais capacitados para atuação ou os critérios utilizados para que as intervenções fossem tomadas a cada situação de desastres.

Molina (2006 apud ASSIS; FERREIRA, 2013, p. 3) destaca que:

Os primeiros estudos de que se têm registro em relação a emergências e desastres estão vinculados às guerras mundiais, sobretudo ao fenômeno que se deu nessa época, "como o estresse pós-traumático, conhecido também como fadiga de batalha, neurose de guerra e *flashbacks*". Muitos dos soldados que estavam em batalha acabavam desenvolvendo algum tipo de problema psicológico, porém os mesmos precisavam voltar para o campo de batalha, pois eles tinham que produzir e consequentemente estar bem para lutar em dever do Estado [...].

Dessa forma a Psicologia tinha o propósito de diagnosticar a maneira com que as pessoas respondem aos desastres, em compensação as atitudes dos sobreviventes não tinham importância, no que diz respeito à assistência no pós-desastre (ASSIS; FERREIRA, 2013).

Segundo Coelho (2006) esses estudos tiveram influência da psiquiatria e das experiências tidas durante a Segunda Guerra Mundial onde trabalhavam com a probabilidade de uma guerra nuclear. "Então, havia um investimento grande para entender as reações das pessoas frente aos desastres e às emergências para, na eventualidade de um ataque nuclear, se saber como conduzir esse tipo de trabalho" (COELHO, 2006, p. 60).

Então, o início da prática psicológica em situações de desastres e emergências, tiveram origem nas intervenções realizadas nas guerras, pois necessitavam reestruturar

seus soldados para continuarem seus serviços, dando início aos estudos das patologias apresentadas nessas situações, como o Transtorno de Estresse Pós-traumático que em uma das citações acima o autor o enfatiza como um fenômeno que vinha sendo manifestado pelos soldados e que sofreu várias mudanças em sua nomenclatura.

Segundo Coêlho (2006, p. 61) "A perspectiva de análise da Psicologia nos anos 60 e 70 foi voltada para as reações individuais. Contemplava reações extremas, tanto que se discute muito estresse pós-traumático e casos graves". Como as respostas a um desastre são bastante imprevisíveis, não se faz possível determinar um tempo para que pessoas traumatizadas possam se recuperar. Existem vários elementos que podem favorecer ou não a recuperação, como a presença de grupos de assistência dentro e fora da população comprometida, o que reforça o valor do auxílio psicológico exclusivamente voltado para estas necessidades (FRANCO, 2005).

A necessidade da Psicologia em situações de emergências e desastres está intimamente relacionada, com a descoberta de que pessoas podem manifestar, individualmente ou coletivamente, alterações psicológicas, em decorrência do trauma, físico e/ou emocional, produzido por um evento externo [...]. (LOMEÑA, 2007 apud PARANHOS; WERLANG, 2015, p. 561).

O auxílio prestado pela psicologia é bastante significativo na preparação e diminuição de desastres, assim como na intervenção das adversidades psicológicas vindas de um fenômeno desastroso vivenciado por uma pessoa, comunidade (MELO; SANTOS, 2011).

De acordo com Cogo e outros autores (2015, p.19) "O campo da psicologia em desastres é recente e tem como focos a saúde mental e as necessidades psicossociais de pessoas afetadas por catástrofes". A psicologia das emergências e desastres, é um campo de estudo da psicologia relativamente nova e pouco divulgada no Brasil. Porém, na América Latina há sociedades nacionais em que esta área é bem conhecida onde várias pesquisas são executadas com desejo de aprimorar as práticas atuais e desenvolver novas ferramentas de suporte psicológico para as pessoas que foram atingidas por um desastre (MELO; SANTOS, 2011).

Segundo Ruiz (2011, p. 42 apud COGO et al., 2015) em 2002, ocorreu o I Congresso de Psicologia das Emergências e dos Desastres em Lima, no Peru. Foi nesse congresso em que foi instituída a Federação Latino-Americana de Psicologia das Emergências e dos Desastres (FLAPED), composta por Cuba, México, Chile, Brasil, Argentina, Equador e outros países. Seus propósitos estavam apoiados no estudo, no treinamento e no auxílio por meio da formação de conhecimentos sobre a psicologia em emergências e desastres. Infelizmente, os resultados esperados não foram alcançados e a instituição não chegou ao ponto de desenvolver seu trabalho, porém, possibilitou que várias discussões a respeito da temática que pudessem ser desenvolvidas na América Latina, fazendo relevância ao Brasil (RUIZ, 2011 apud COGO et al., 2015).

### 3 A PSICOLOGIA DAS EMERGÊNCIAS E DESASTRES NO BRASIL

Para que a Psicologia das emergências e desastres ganhasse seu espaço no Brasil vários congressos, seminários e conferências foram realizados em parceria com a Defesa Civil brasileira, pois inicialmente o auxílio dado às vítimas vinha dos órgãos governamentais e até então a psicologia no Brasil não voltava seu olhar para esses aspectos e assim pouco se tem de sua prática por ser um estudo que ainda está se desenvolvendo no território brasileiro.

Um dos desastres que ganhou grande destaque no Brasil foi o acidente com o Césio-137 que ocorreu em 13 de setembro de 1987 em Goiânia, apontado o maior acidente radioativo do país e do mundo acontecido fora de usina nuclear (BORGES; CARVALHO, 2009 apud ASSIS; FERREIRA, 2013).

As Universidades do Rio de Janeiro, Brasília e Goiânia, junto com vários psicólogos cubanos fizeram atendimento às vítimas do Césio-137, em 1992 (BORGES; CARVALHO, 2009 apud ASSIS; FERREIRA, 2013). Vale destacar essa situação ocorrida no Brasil, visto que se firma assim o envolvimento da psicologia nos desastres, onde essa tragédia marca o ingresso da psicologia em evento catastrófico (ASSIS; FERREIRA, 2013).

Diante das ocorrências no país, decisões foram tomadas. Em 1996, o Grupo de Intervenções Psicológicas em Emergências (IPE) veio com o propósito de conceder atendimento psicológico para as vítimas de desastres ou acidentes que geram estresse ou trauma e capacitam os psicólogos para essa área (COGO et al., 2015).

É interessante pontuar que no Brasil a formação desses profissionais ainda é algo a ser questionado, que ainda vem sendo debatido, pois, existem poucas instituições capazes de ofertar capacitação necessária para que em um desastre o psicólogo tenha habilidades para agir. Em 2005, no Brasil o tema começou a ser debatido pelo Conselho Federal de Psicologia, onde foi realizada uma mesa-redonda denominada de "Subjetividade, ecologia e desastres: a contribuição da psicologia na América Latina", no primeiro Congresso Latino-americano da Psicologia (ULAPSI). Em 2006, no Estado de Brasília aconteceu o primeiro Seminário Internacional de Psicologia de Emergência e Desastres: contribuição para a construção de comunidades mais seguras, este evento favoreceu a disseminação da temática nacionalmente, com oficinas em Estados do Brasil (CFR, 2010 apud MELO; SANTOS, 2011).

Em março de 2010 aconteceu a primeira Conferência Nacional de Defesa Civil e Assistência Humanitária, dirigida pelo Ministério da Integração Nacional. A Conferência teve como objetivo avaliar a Defesa Civil, delinear conduta de atuação e consolidar o trabalho social (MELO; SANTOS, 2011). Com tantas ocorrências a Defesa Civil vem com ações preventivas, assistenciais para minimizar os desastres, preservando a integridade física e moral, assim como reconstruir a normalidade da sociedade (LOPES et al., 2009 apud MELO; SANTOS, 2011).

O Conselho Federal de Psicologia e a Associação Brasileira de Ensino em Psicologia (ABEP) estabeleceram um protocolo de ideias em benefício desta conferência para mover ações com o propósito de incluir a sociedade no debate de como reduzir os impactos das circunstâncias associadas aos desastres. Desse modo, nota-se que a Psicologia vem

aumentando suas atividades para auxiliar nos casos de emergências e desastres, e vários órgãos estão direcionando a atenção para o tema, oferecendo congressos e seminários com o desejo de unir profissionais com interesse em abordar e aprender sobre este tema.

Contudo a trajetória da Psicologia nas emergências e desastres no Brasil esteve atrelada a busca por seu território, unindo-se a órgãos com o propósito de contribuir com o seu trabalho, onde os seminários serviram como um instigador de mudanças e possibilidades de seu serviço.

#### **4 A CONTRIBUIÇÃO DA DEFESA CIVIL EM SUA PRÁTICA**

Segundo o Conselho Federal de Psicologia (2011) a Psicologia no Brasil encontrou uma oportunidade inesperada de chegar-se a uma política pública em desenvolvimento. Referia-se a oportunidade de a Psicologia passar a prestar apoio para o aperfeiçoamento dos projetos da Defesa Civil se tornando um passo importante tanto para a Psicologia que permitiu o progresso de processos significativos e na evolução da Defesa Civil.

Em 2006, a Secretaria Nacional de Defesa Civil acolheu o plano de trabalho vindo do Conselho Federal de Psicologia (CFP) e assim foi feito o primeiro Seminário Nacional de Psicologia das Emergências e Desastres. Depois desses encontros novos projetos foram sendo criados. O momento em que marcou o início dessa cooperação foi realizado na 1ª Conferência Nacional de Defesa Civil (I CNDC), onde o CFP teve a sua participação ativa no desenvolvimento de ações e discussão sobre o assunto (CFP, 2011). Nesse mesmo ano ocorreu a primeira Reunião Internacional em prol de uma Formação Especializada em Psicologia das Emergências e Desastres, buscando resumir informações indispensáveis para a formação desses futuros profissionais que ajudariam a Defesa Civil (CARVALHO; BORGES, 2009).

Os seminários e conferências firmaram o trabalho da defesa civil junto à psicologia e estabeleceram a forma de atuação do psicólogo em situações de desastres, alavancando as funções e deveres desses profissionais não estabelecendo um padrão específico de atuação, mas permitindo ao psicólogo a utilização de abordagens e técnicas nessas situações.

Os profissionais da Psicologia irão trabalhar na prevenção, capacitando a comunidade para perceberem os riscos, programas educativos e que possa minimizar a insegurança da sociedade; na preparação, ajudando a população a determinar e elaborar planos de contingência; durante os desastres e na recuperação no pós-desastre, trabalharão no gerenciamento de seus resultados, na assistência às vítimas, no manejo de abrigos, na geração das estratégias para as reconstruções destinadas as carências da população (BRASIL, 2010).

No 1º Seminário de Psicologia das Emergências e dos Desastres: Contribuição para a Construção de Comunidades Mais Seguras, em 2006, se fez claro a necessidade de criar projetos a curto, médio e longo prazo para diminuir os riscos e a vulnerabilidade, preparando a comunidade para resposta, levando em consideração as situações e a população (BRASIL, 2010). Ainda neste primeiro seminário psicólogos trouxeram pensamentos e relato sobre o tema, como, por exemplo:



A psicóloga Claudia Gómez Prieto, representante da Sociedade Argentina da Psicologia das Emergências e dos Desastres, enfatizou na ocasião, por exemplo, a necessidade de promover o protagonismo dos atores sociais como agentes capazes de transformar as situações de risco em oportunidades para o desenvolvimento, e de estimular a organização comunitária como fator primordial de proteção. Daniela da Cunha Lopes (SEDEC) ressaltou, por sua vez, a relação entre os desastres, o processo de exclusão social e a percepção de riscos, enfatizando a necessidade de sensibilizar e mobilizar as comunidades para a prevenção de desastres [...] (BRASIL, 2010, p. 17).

Desta forma o psicólogo vem contribuir, auxiliar e desenvolver meios para fortalecer as comunidades para as situações adversas que exigem do ser humano mais daquilo que o permita fazer, precisando então da ajuda não só dos Psicólogos e da Defesa civil, mais de outros serviços que juntos possam reestabelecer a normalidade social (BRASIL, 2010).

O CFP proporcionou a elaboração de uma Rede Latino-Americana de Emergências e Desastres, onde possibilitou reuniões na Argentina, no Chile, em Cuba e no Brasil, propondo trabalhos referentes ao tema em vários eventos, congresso. Assim vários Conselhos Regionais de Psicologia planejaram ou estiveram em ações que permitiram um diálogo a respeito do tema ou elaboraram reportagens em jornais e sites, como por exemplo, CRP-04, CRP07, CRP-12, CRP-16 e outros (CFP, 2011).

Esta ligação com a defesa civil colaborou para a construção da atuação do psicólogo em situações de desastre, possibilitando caminhos para a prática não só no pós-desastre como em seu histórico vem se falando, mas também antes e durante o desastre. O Conselho Federal de Psicologia voltou seu olhar para essas possibilidades, agregando o seu fazer à Defesa Civil, porém muita coisa ainda deve ser feita para que esta área torne cada vez mais eficaz que faz pensar no que está sendo feito, pois, todas essas pesquisas e seminários têm por volta de 10 anos, e o que de inovador está sendo feita para essa nova área.

## 5 A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO

Após todo o processo de institucionalização a psicologia firma o seu trabalho em situações de desastres, trabalhando junto aos órgãos governamentais e não governamentais suas ações são desenvolvidas.

Silveira (2011) salienta que primeiramente o Estado tem a obrigação de garantir as carências da população vítima de desastre, por meio da criação de abrigos temporários para os que perderam suas casas, pronto-atendimento, distribuição de alimentos e remédios, para que a intervenção de outros profissionais seja realizada em conjunto.

Assim, um dos órgãos responsáveis pela organização da distribuição de mantimentos, água, comida, remédios, alocação das pessoas em abrigos, direcionamento das pessoas a seus familiares para que possam alojar-se, é a defesa civil. A partir do

momento, em que as vítimas não conseguem se reestabelecerem emocionalmente e psicologicamente a essas situações, a psicologia entra em ação.

Portanto, a psicologia se depara com uma gama de possibilidades para atuação, onde suas intervenções podem ser individuais ou grupais. Após os cuidados básicos, a psicologia irá além do que está imposto a se fazer nessas situações, que por meio de técnicas e com diversas abordagens este profissional irá ajudar a sociedade de forma específica de acordo com demanda que lhe é imposta durante o evento. O psicólogo poderá ajudar na administração desses abrigos com a preservação da família nos abrigos, nos cuidados voltados as gestantes ou mães com filhos renascidos, pessoas portadoras de alguma deficiência, idosos etc.

Então, para a Sociedade Chilena de Psicologia das Emergências e Desastres (SO-CHPED), a atuação do psicólogo será feita nas três fases: no pré-desastre, durante o desastre e no pós-desastre. É por meio da percepção dos comportamentos dos indivíduos em todas as etapas do desastre que as intervenções da Psicologia devem ser desenvolvidas (CARVALHO; BORGES 2009 apud ALVES; LACERDA; LEGAL, 2012).

Durante estas fases o psicólogo poderá analisar os indivíduos conforme suas particularidades para que assim utilize intervenções necessárias, visando a minimização do sofrimento. Numa situação de desastre e emergência o primeiro contato é feito pela avaliação das necessidades e preocupação das pessoas envolvidas, propondo um ambiente seguro, sem distinção de idade ou local para ser posta em prática (CARE, 2009 apud MELLER, 2015).

O psicólogo poderá atuar direta ou indiretamente, direta em relação ao atendimento com as vítimas, por meio de uma escuta cuidadosa, sendo o mediador de informações importante para o auxílio das pessoas que necessitam se instalarem diante de uma catástrofe. Na atuação indireta, participará na capacitação e no preparo psicológico das equipes que trabalham diretamente com as respostas às múltiplas situações e auxiliará os profissionais a reconhecerem suas próprias limitações no atendimento às vítimas (MELO; SANTOS, 2011).

## 6 ATUAÇÃO NO PRÉ-DESASTRE

Nessa primeira etapa, Mattedi (2008) afirma que o trabalho da Psicologia neste momento é de participar na construção de uma sociedade protegida e hábil para formar apoio e enfrentar os desastres naturais. Assim, Ruiz (2003 apud ALVES; LACERDA; LEGAL, 2012) salienta que o trabalho do psicólogo deve ser elaborado por meio de um olhar sistemático, ou seja, o psicólogo deve avaliar a forma com que o sujeito relaciona com a família, com seus grupos sociais seja na escola ou vizinhança, como é a realidade da comunidade em que esse sujeito está inserido e como é a cidade deste sujeito, para que projetos sejam tomados onde possam abranger as dificuldades que circunda a experiência de um desastre.

No pré-desastre as intervenções são direcionadas a prevenção e a minimização dos prejuízos futuros (KOBAYAMA et al., 2004). Por meio da "educação preventiva, treinamento realístico com exercício e prática, e/ou treinamento de inoculação de



estresse" (BORDERS; KENNEDY, 2009, p. 412). Fazendo o recrutamento de pessoas para compor os grupos de primeiras respostas (MOLINA, 2006).

As ações neste momento serão de capacitação à prevenção, fazendo com que a população se sinta e esteja preparada para qualquer evento que necessite de medidas extremas, sendo o psicólogo um importante facilitador.

Aqui a capacitação poderá ser realizada por meio de exposições graduais com filmes ou simulações com o intuito de preparar a parte emocional, cognitiva e comportamental daqueles que estão propensos às situações traumáticas que geram grande impacto na vida desses indivíduos (BORDERS; KENNEDY, 2009).

É interessante pontuar que as intervenções e técnicas utilizadas para a prevenção em desastres não param apenas nesta primeira fase, mas são intervenções contínuas, pois sempre acontecerão novos desastres com proporções maiores ou não e com esse círculo constante de intervenções, treinamentos e capacitações farão uma população cada vez mais preparada.

## **7 ATUAÇÃO DURANTE O DESASTRE**

Nesta fase as pessoas apresentam inúmeras reações, como medo, ansiedade, desorientação. O psicólogo trabalhará com intervenções emergenciais, onde o indivíduo necessita de ações breves e direcionadas ao problema presente, para que da sua maneira possa encarar o acontecido e possibilitando a sua resiliência. Tendo cuidado para não interferir na recuperação natural dos envolvidos, sem forçá-lo algo que não queira, mas sempre procurando a sua saúde física e mental.

Após os primeiros cuidados oferecidos a população, onde acontecerá verificação dos feridos, dos riscos de contaminação e das necessidades básicas, faz-se viável a organização das intervenções psicológicas (SILVA, 2013). O ajustamento dessas intervenções será feito de acordo com as informações disponibilizadas pelas redes de apoio e pela mensuração das possibilidades de respostas (MATTEDI, 2008).

Os primeiros auxílios psicológicos fundamentam-se na compreensão das respostas psicológicas, físicas e emocionais das vítimas. Assim, tem como um de seus objetivos a reconstrução das habilidades a serem desenvolvidas para a recuperação, auxiliando na identificação das necessidades básicas após seu socorro, como entrar em contato com os familiares (WHO, 2011 apud MELLE, 2015).

Aqui a assistência dada às vítimas, segundo Baloian (2007) baseia-se nas seguintes questões, identificação dos psicólogos como rede de apoio à população para que se sintam assistidas e seguras, pois, se acredita que por meio da identificação do profissional favoreça tranquilidade e disposição; informações e instruções claras e precisa, mostrando confiança, atenção, instruindo sobre os procedimentos que estão ou serão tomados; e por fim incentivar o cuidado consigo mesmo e com o outro, a assistência entre as comunidades.

Cabe também aos profissionais da Psicologia saberem de informações importantes sobre o evento desastroso, como o número de vítimas, seu bem estar, como estão às famílias com a perda de seus parentes e de seu lar, ou seja, é preciso saber a

necessidade da população atingida para que assim haja a elaboração dos planos de intervenções psicológicas (SILVA, 2013).

Assim, Melle (2015, p. 57) vem citar um conjunto de seis intervenções:

1) Contato: realizar um envolvimento de forma não abrupta com os indivíduos relacionados ao evento emergencial. A forma de comunicação utilizada com alguém em crise deve ser cuidadosa, devido à confusão mental que essas pessoas podem estar vivenciando. Por causa disso, demonstrar calma e compreensão pode auxiliá-las a se sentirem mais protegidas e, conseqüentemente, mais calmas. 2) Segurança: assegurar a redução de riscos e possíveis ameaças que o indivíduo possa estar vivenciando naquele momento. Com a diminuição dos riscos, procura-se estabilizar as pessoas – que podem estar desorientadas –, tentando propiciar um ambiente desprovido de sons, cheiros e exposições ao evento crítico. Pode ser verificado também se o indivíduo está satisfazendo suas necessidades fisiológicas, tais como alimentação e descanso, a fim de trazer-lhe mais conforto. 3) Estabilidade: proporcionar fornecimento e clarificação de informações relacionadas ao desastre. Oferecer dados precisos sobre a tragédia pode implicar em alívio aos sobreviventes, que tentam compreender a situação. Procura-se ouvir os que desejam compartilhar suas emoções, sem forçá-los a realizar verbalizações. 4) Coleta de informações: avaliar com sobreviventes e envolvidos as suas reais necessidades e preocupações, para que se possa verificar se a assistência está sendo eficaz. 5) Conexão do indivíduo com a rede social: aproximar o indivíduo do seu suporte primário, identificando familiares e amigos que possuam mais recursos para auxiliar os demais envolvidos. 6) Informar: oferecer informações verbais ou escritas, tais como habilidades de enfrentamento e resiliência, com a finalidade de instrumentalizar os indivíduos frente à situação de crise. Além disso, são fornecidas informações acerca de serviços de colaboração, como os de saúde mental, que estão disponíveis para dar continuidade ao auxílio psicológico, caso seja necessário [...].

Cabe aqui, pontuar que muitos dos que estão vivenciando o desastre principalmente nesta fase que é a mais crítica não estão em condições físicas e psicológicas para enfrentar o evento e que neste momento o fazer do psicólogo possa não ser essencial devido às condições demonstradas onde a sua função será eficiente no pós-desastre ou não que dependerá da situação.

Neste socorro imediato, o psicólogo, dependendo do estado em que encontrar a vítima, irá fazer os primeiros socorros psicológicos, visando a segurança, dando orientações imediatas e auxiliando nas necessidades básicas e emocionais. Poderá também realizar uma triagem para quem possam reconhecer as pessoas de alto risco propensas a desenvolver graves problemas (BORDERS; KENNEDY, 2009).

Que Ehrenreich (1999) em seus estudos vem trazer alguns desses graves problemas, como: depressão, ansiedade de separação, sintomas psicóticos como delírio e alucinações, discursos desorganizados, distúrbios do sono, isolamento, perda de memória, comportamentos impulsivos e autodestrutivos, ideação suicida, transtorno de estresse pós-traumático, transtorno de ansiedade generalizada, luto inibido, distorcido ou crônico. Ressaltando que as vítimas podem desenvolver esses sintomas de forma isolada.

A triagem nesta fase possibilita um maior conhecimento das vítimas e seu sofrimento, onde existe uma análise das respostas emitidas pelo sujeito que permitirá o encaminhamento para os locais e tratamentos adequados, avaliando os aspectos clínicos e principalmente os aspectos psicológicos. Onde se encontra pessoas com comportamentos visíveis de negação, agressividade, desesperança, sintomas dissociativos, desorganização mental e outras manifestações de comportamento resultante do desastre. Por meio da triagem é percebido se aquela determinada pessoa necessita de cuidados médicos e psicológicos ou apenas de um dele (BORDERS; KENNEDY, 2009).

## 8 ATUAÇÃO PÓS-DESASTRE

As intervenções realizadas no pós-desastre têm por propósito analisar o sofrimento psíquico e auxiliar as vítimas, minimizando os impactos provocados pelo desastre, bem como a contribuir para atuações mais eficientes (ALVES; LACERDA; LEGAL, 2012). O psicólogo irá averiguar as consequências provocadas pelo desastre, para aperfeiçoar as respostas em ocorrências semelhantes ao que já foi vivenciado (MOLINA, 2006).

Embora não sejam, geralmente, uma função do pessoal de saúde mental, reuniões para informação desempenham um papel significativo no bem-estar psicológico de sobreviventes e de seus familiares. Informações imprecisas e pouca comunicação têm impacto profundo sobre o indivíduo em crise. Psicólogos podem fazer recomendações sobre a frequência às reuniões, aspectos multiculturais, transmitir informações de forma empática e regular o grau de detalhamento de informações sensíveis ou perturbadoras [...] (U.S. Department of Health and Human Services, 2004 apud BORDERS; KENNEDY, 2009, p. 414).

Além, do acolhimento após o evento o psicólogo será a fonte de comunicação entre as vítimas e a sua família, entre os órgãos públicos responsáveis pela distribuição dos mantimentos. O psicólogo irá intervir nos hospitais, fará atendimentos do-

miciliar, sem locais específicos para o seu atendimento, sempre visando medidas que possa assegurar a saúde do indivíduo a curto, médio e longo prazo, promovendo a resiliência diante de novas situações que possa afetar a saúde mental deste indivíduo (COSTA et al., 2015).

O psicólogo utilizará vários métodos e técnicas para ajudar a população em situação de crise, como entrevista, questionários, inventários e outros. Alguns métodos de intervenção psicológica que ganha destaque nessas situações por sua eficácia são o *Debriefing* e o *Defusing* (GUIMARÃES et al., 2007). Além dessas duas intervenções, também pode ser utilizado o *coping* coletivo, que Suls e outros autores (1996 apud KRUM; BANDEIRA, 2008) vem classificar como um quadro de estratégias aplicadas pelas pessoas para responderem as condições desastrosas e para que elas possam se adaptar.

O *defusing* é a intervenção utilizada depois do ocorrido em até 24 horas, de forma breve, tem como intuito minimizar a gravidade de respostas sobre a situação e analisa as necessidades para a continuação de tratamento. Normalmente depois da primeira sessão de *defusing* segue a execução do *debriefing*. O *debriefing* é uma entrevista mais profunda que tem como objetivo provocar o ajustamento de experiências traumáticas pertencente ao evento, suscitando a melhora do sujeito, seu equilíbrio e seu desenvolvimento pessoal. Podendo ser aplicada em dias após o ocorrido em médio e longo prazo, individual ou em grupo onde irá relatar tudo o que está vivendo (GUIMARÃES et al., 2007).

Já o *coping* é considerado como esforços cognitivos e comportamentais contínuos e inconstantes, empregados pelos indivíduos para responder as necessidades internas ou externas inerentes, classificadas como estressores, ou seja, estímulos que sobrecarregam seu equilíbrio pessoal (KRUM; BANDEIRA, 2008).

Folkman e outros autores (1986a apud KRUM; BANDEIRA, 2008) destaca que o *coping* atua em duas funções, focado na emoção e focado no problema. Referente à emoção, caracteriza-se por meios que possibilitem a regulação do estado emocional do indivíduo que está associado ao estímulo estressor, voltado para o nível somático tem como objetivo minimizar as sensações desagradáveis, por meio da minimização, atenção seletiva, autocontrole, atribuição dos ganhos positivos diante dos aspectos negativos.

Em relação ao problema, as estratégias utilizadas visam atuar no episódio que resultou no estresse, no propósito de modificá-lo, participando desde a construção do que é o problema e a formação de possibilidades de soluções até a análise de custo-benefício. Neste caso a atuação com as vítimas, será na reestruturação cognitiva como na mudança do nível de ansiedade, diminuição do envolvimento; ou com o ambiente, na solução de conflitos interpessoais e na busca de recursos.

Assim, o psicólogo irá fazer uma avaliação diagnóstica das condições do ambiente para assim utilizar a técnica e a intervenção que melhor se adeque a situação que as vítimas estão vivenciando, sempre visando à preservação do acompanhamento às vítimas após o evento, prevenindo respostas intensas diante de um novo desastre.

As intervenções realizadas no pós-desastre têm por propósito analisar o sofrimento psíquico e auxiliar as vítimas, minimizando os impactos provocados pelo desastre, bem como a contribuir para atuações mais eficientes (ALVES; LACERDA;

LEGAL, 2012). O psicólogo irá averiguar as consequências provocadas pelo desastre, para aperfeiçoar as respostas em ocorrências semelhantes ao que já foi vivenciado (MOLINA, 2006).

## 9 METODOLOGIA

A elaboração teórica deste trabalho teve como método a pesquisa bibliográfica, por meio de referenciais teóricos publicados sobre o tema, que possibilitou uma maior compreensão sobre o assunto. Portanto, para construção teórica foram utilizados artigos que serviram como base para a fundamentação da pesquisa, como: "As contribuições da psicologia nas emergências e desastres"; "A abordagem psicológica da problemática dos desastres: um desafio cognitivo e profissional para a psicologia"; "Gerenciamento de crise: A psicologia atuando em situações de emergências e desastres". Artigos disponibilizados pelo "I seminário nacional de Psicologia das Emergências e dos Desastres Contribuições para a Construção de Comunidades mais Seguras"; "II Seminário Nacional de Psicologia em Emergências e Desastres",

Assim, também se utilizou de artigos científicos complementares, disponibilizados pelo Conselho Federal de Psicologia, monografias e livros, onde muitos foram encontrados por meio das bases de dados Google Acadêmico e Associação Brasileira de Psicologia nas Emergências e Desastres (ABRAPEDE), utilizando os descritores: Psicologia das Emergências e Desastres, Atuação do Psicólogo, Intervenção Psicológica. Que serviram como base para esta pesquisa.

## 10 CONCLUSÃO

Diante da construção desde artigo tornou-se possível concluir que, a atuação do psicólogo na esfera das emergências e desastres é um estudo novo e que a cada dia vem se tornando essencial e eficaz. Que em vista disso, possibilitou uma maior reflexão sobre a importância desse profissional, que atuará diante das consequências emocionais e psicológicas que as vítimas estarão propensas a desenvolver, onde o acompanhamento psicológico poderá prevenir o desenvolvimento e/ou a permanência de sintomas ou psicopatologias após o desastre.

Também é importante destacar o trabalho do psicólogo junto à sociedade de forma conjunta que por meio das capacitações e treinamentos estimulará atitudes e comportamentos preventivos em vista de uma nova catástrofe, onde o psicólogo será um agente transformador e estimulador de ideias na sociedade.

Mesmo com esse trabalho junto à sociedade, a prática do psicólogo nesse contexto ainda não é muito abordada, e muitas comunidades, povoados e cidades que já passaram por essas situações acabam não tendo conhecimento da participação deste profissional, que nos leva a pensar em ações que permita a conscientização da importância do psicólogo por meio de campanhas onde essas pessoas possam ter o conhecimento do psicólogo e do papel desempenhado no contexto social em

que estão vivendo, desenvolvendo cartilhas, jornais, panfletos para serem distribuídos àqueles que foram vítimas dos desastres ou que estão em situações de risco, sempre buscando a conscientização.

O trabalho desperta também outros questionamentos, onde podemos levantar inúmeras hipóteses como: Só o psicólogo poderá fazer esse trabalho? Um terapeuta ocupacional poderá utilizar dos meios utilizados por esse profissional da psicologia? Sabemos que as técnicas evidenciadas no artigo podem ser utilizadas por qualquer profissional, mas a forma com que o psicólogo irá trabalhar será única, porém ainda não temos protocolos regulamentados onde tragam técnicas específicas apenas do fazer do psicólogo.

Assim, devido ao pouco referencial teórico e ao pouco tempo de pesquisa onde diante dos achados podemos perceber um longo tempo entre uma pesquisa e outra, também entre os seminários e congressos realizados, a formação desses profissionais ainda está sendo construída e que por meio de algumas instituições como o grupo IPE e a ABRAPED, estão buscando, o aperfeiçoamento e a capacitação da prática desses profissionais para que possam estar preparados para a sua atuação.

## REFERÊNCIAS

ALVES, R.B.; LACERDA, M.C.; LEGAL, E.J. A atuação do psicólogo diante dos desastres naturais: uma revisão. **Psicologia em Estudo**, v.17, n.2, p.307-315, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v17n2/v17n2a13.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2016.

ASSIS, L.D.F.; FERREIRA, C.I. **Gerenciamento de crise: a psicologia atuando em situações de emergências e desastres**. 2013. Disponível em: <<http://www.abrapede.org.br/wp-content/uploads/2013/05/TCC-Diogenes.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2016.

BALOIAN, I. et al. **Intervención psicosocial en situaciones de emergencia y desastres: guía para el primer apoyo psicológico**. 2007. Disponível em: <[http://diversidad.murciaeduca.es/orientamur2/gestion/documentos/2-intervencion\\_psicosocial.pdf](http://diversidad.murciaeduca.es/orientamur2/gestion/documentos/2-intervencion_psicosocial.pdf)>. Acesso em: 24 ago. 2016.

BENEVIDES, L.R.S. **A atenção psicossocial e as intervenções geradas em contextos de desastre: a experiência de profissionais em Teresópolis**. 2015. Disponível em: <<http://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/13792/1/23.pdf>>. Acesso em: 24 ago. 2016.

BORDERS, A.M.; KENNEDY, H.C. Intervenções psicológicas depois de desastres ou traumas. In: KENNEDY, H.C.; ZILLMER, A.E. **Psicologia militar**. Biblioteca do Exército, 2009. p.405-430.

BRASIL. Ministério da Integração Nacional. Secretaria Nacional de defesa Civil. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro Universitário de Estudos Pesquisas sobre Desastres. **Gestão de riscos e de desastres: contribuições da psicologia**.



Curso à distância / Centro Universitário de Estudos e Pesquisas sobre Desastres. Florianópolis: CEPED, 2010. Disponível em: <[http://www.mi.gov.br/c/document\\_library/get\\_file?uuid=8fa26fe8-d31a-4531-92ca-346e6c69867f&groupId=10157](http://www.mi.gov.br/c/document_library/get_file?uuid=8fa26fe8-d31a-4531-92ca-346e6c69867f&groupId=10157)>. Acesso em: 23 ago. 2016.

COELHO, Â.L. Mesa-redonda 2: Psicologia das emergências e dos desastres: uma área em construção. História e desenvolvimento. Conselho Federal de Psicologia. In: 1º seminário nacional de Psicologia das Emergências e dos Desastres Contribuições para a Construção de Comunidades mais Seguras, Brasília. **Anais...** Brasília, 8, 9, 10 de junho de 2006.

COGO, A.S. et al. A psicologia diante de emergências e desastres. In: FRANCO, Maria Helena Pereira (Org.). **A intervenção psicológica em emergências: Fundamentos para a prática.** São Paulo: Summus, 2015. p.17- 60.

CFP – Conselho Federal de Psicologia. **Textos geradores – II Seminário Nacional de Psicologia em Emergências e Desastres.** Brasília: CFP, 2011. Disponível em: <<http://www.abrapede.org.br/wp-content/uploads/2013/01/Textos-Geradores.pdf>>. Acesso em: 4 ago. 2016.

COSTA, C.F.D. O atendimento psicológico em emergências: diferentes settings. In: FRANCO, Maria Helena Pereira (Org.). **A Intervenção psicológica em emergências: fundamentos para a prática.** São Paulo: Summus, 2015. p.105-146.

EHRENREICH, J.H. **Coping with disaster: a guidebook to psychosocial intervention.** Mental Health Workers without Borders, 1999. Disponível em: <<http://www.toolkitsportdevelopment.org/html/resources/7B/7BB3B250-3EB8-44C6-AA8E-CC6592C53550/CopingWithDisaster.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2016.

FRANCO, M.H.P. Atendimento psicológico para emergências em aviação: a teoria revista na prática. **Estudos de Psicologia**, v.10, n.2, p.177-180, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v10n2/a03v10n2>>. Acesso em: 5 jun. 2016.

GUIMARÃES, L.A.M. et al. A técnica de debriefing psicológico em acidentes e desastres. **Mudanças-Psicologia da Saúde**, v.15, n.1, p.1-12, 2009. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revista/revistas-metodista/index.php/MUD/article/view/659/660>>. Acesso em: 5 jun. 2016.

KRUM, F.M.B.; BANDEIRA, D.R. Enfrentamento de desastres naturais: o uso de um coping coletivo. **Paidéia: cadernos de educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto.** Ribeirão Preto, SP, v.18, n.39, p.73-84, 2008. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/98786/000719827.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 23 set. 2016.

MATTEDI, M.A. A abordagem psicológica da problemática dos desastres: um desafio cognitivo e profissional para a psicologia. **Psicologia Ciência e Profissão**, v.28, n.1, p.162-173, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v28n1/v28n1a12.pdf>>. Acesso em: 23 ago. 2016.

MELLE, V. Primeiros auxílios psicológicos para indivíduos envolvidos em situações emergenciais e desastres. **Diaphora**, v.15, n.1, p.55-59, 2015. Disponível em: <<http://www.sprgs.org.br/diaphora/ojs/index.php/diaphora/article/view/97/95>>. Acesso em: 29 ago. 2016.

MELO, C.A.; SANTOS, F.A. As contribuições da psicologia nas emergências e desastres. **Psicólogo informação**, v.15, n.15, p.169-181, 2011. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoinfo/v15n15/v15n15a12.pdf>>. Acesso em: 5 ago. 2016.

MOLINA, R. Mesa-redonda 2: Psicologia das emergências e dos desastres: uma área em construção. História e desenvolvimento. Conselho Federal de Psicologia. In: 1º seminário nacional de Psicologia das Emergências e dos Desastres Contribuições para a Construção de Comunidades mais Seguras. Brasília, **Anais...** Brasília, 8, 9 e 10 de junho de 2006.

SILVA, V. B. **A psicologia nas situações de emergências e desastres: uma reflexão humanista**. 2013. Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/2223>>. Acesso em: 15 set. 2016.

---

**Data do recebimento:** 21 de julho de 2018

**Data da avaliação:** 9 de agosto de 2018

**Data de aceite:** 12 de setembro de 2018

---

1 Psicóloga social e comunitária do Centro de Referência Especializado de Assistência Social - CREAS; Psicóloga pelo Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL. E-mail: andryelle4@gmail.com

2 Especialista em Psicologia Hospitalar pelo Centro Universitário de Volta Redonda – UniFOA -RJ e em Gestão de Empresas Faculdade Figueiredo Costa – FIC-AL; Professor do curso de Psicologia do Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL; Membro do Conselho Regional de Psicologia (15º Região). E-mail: felipefsantana@gmail.com